

As perdas e o processo de luto na velhice: um olhar a partir da psicanálise

Alison Maciel Cezar

Peterson de Pinho

Anny Elise Braga

Camila Cortellete Pereira da Silva

Maurício Cardoso da Silva Junior

Resumo: Por meio de uma revisão integrativa, busca-se identificar, dentro da produção científica brasileira, artigos que fazem intersecção entre os temas do luto e da velhice, sob o olhar da psicanálise. Desta forma, se visa estabelecer qual o enfoque dado ao idoso e qual a visão apresentada pela psicanálise para um trabalho com esta população que se encontra mais propensa a rupturas e perdas. Assim, se reconhece que há uma identificação de morte e finitude vinculada à figura do sujeito que envelhece, mentalidade adotada pela lógica de consumo. Identificou-se de que forma as inúmeras perdas aliadas ao envelhecimento suscitam no idoso um processo de luto que, segundo a psicanálise, pode ser definido como o afeto resultante da perda de um objeto libidinal. Verifica-se, assim, a importância de um acompanhamento aos idosos que vise desobstruir a via do desejo e criar novas perspectivas de vida, sobretudo nesta fase do desenvolvimento, que como todas as outras, possui características e desafios particulares.

Palavras Chaves: Luto; Velhice; Psicanálise.

Losses And The Mourning Process in old age: a look from psychoanalysis

Abstract: Through An Integrative review, we seek to identify, within the Brazilian scientific production, articles that intersect the themes of mourning and old age, from the perspective of psychoanalysis. In this way, it aims to establish the focus given to the elderly and what is the vision presented by psychoanalysis for a work with this population that is more prone to ruptures and losses. Thus, it is recognized that there is an identification of death and finitude linked to the figure of the aging subject, a mentality adopted by the logic of consumption. Thus, it was identified how the numerous losses combined with aging cause a grieving process in the elderly. This Mourning, according to psychoanalysis, can be defined as the affect resulting from the loss of a libidinal object. Thus, there is the importance of monitoring the elderly that aims to clear the path of desire and create new perspectives on life, especially at this stage of development, which, like all others, has particular characteristics and challenges.

Keywords: Grief; Old age; Psychoanalysis.

Introdução

Segundo Paradella (2018), o Brasil tem vivenciado um crescimento da população idosa, e seus efeitos se fazem perceber pelas demandas sociais, nas áreas da saúde e assistência. É, inclusive, dever do Estado a garantia à vida e saúde desta

população, mediante políticas públicas que permitam um envelhecimento digno e saudável (Brasil, 2003).

Os idosos são indivíduos assim denominados de acordo com um contexto sociocultural estabelecido, identificados de acordo com sua idade cronológica, aparência física, funcionalidade, produtividade e exercício de papéis sociais. De acordo com a legislação vigente, é considerada idosa uma pessoa com idade igual ou superior a 60 anos. A velhice é o último estágio do ciclo vital em seu processo de desenvolvimento, envelhecimento ou senescência. Esse período, no entanto, pode sofrer grande variabilidade, a depender de características individuais, biológicas, genéticas, sociais, de desenvolvimento psicológico e utilização de tecnologias científicas (Neri, 2001). Ainda que, segundo um ideal cultural estabelecido, a velhice possa estar relacionada à ideia de sabedoria e confronto com a morte, também se pode compreendê-la como uma série de processos decorrentes do modo como é significado o envelhecimento e suas implicações, possuindo distintas configurações e símbolos no contexto cultural (Cocentino & Viana, 2011).

O envelhecimento é um processo gradativo que usualmente envolve aprendizado, desenvolvimento e amadurecimento. Contudo, o passar do tempo também pode resultar em perdas físicas, sociais e cognitivas, exigindo do indivíduo a elaboração dessas novas realidades (Kreuz & Franco, 2017). Tais mudanças inerentes ao envelhecimento podem gerar modificações de personalidade, criando sentimentos de medo, insegurança, tensão ou comportamentos de rigidez (Altman, 2011). O número, variedade e rapidez com que o idoso enfrenta perdas costuma ser maior que qualquer outro grupo etário, de forma que essas perdas podem ser intensas e, por vezes, não se fazendo possível ao sujeito elaborá-las (D'Assumpção, 2018).

São essas inúmeras e significativas perdas relatadas pelos idosos na clínica que confrontam o sujeito com a solidão e a precariedade da condição humana. Se essa realidade pode ser enfrentada, ao longo da vida, com o estabelecimento de laços sociais, a capacidade de sustentação e substituição desses laços pode encontrar limites na velhice, na qual processos de luto difíceis podem se interpor, causando maiores perturbações. Assim, o isolamento pode se sobrepor ao investimento em novos laços, principalmente porque, nesse período, o indivíduo tende a estabelecer contatos bastante incipientes (Castilho & Bastos, 2015).

As diferentes perdas e modificações corporais associadas ao envelhecimento podem acarretar um processo de despojar-se daquilo que se tinha enquanto imagem de si, admitir as marcas inscritas no corpo pelo tempo e, em alguma medida, possibilitar uma perspectiva menos idealizada do eu – o que impõe uma espécie de trabalho de luto ao sujeito (Mucida, 2004).

O luto pode ser compreendido como uma perda de um elo significativo entre uma pessoa e seu objeto, sendo, portanto, um fenômeno mental inerente ao processo de desenvolvimento humano (Cavalcanti, Samczuk & Bonfim, 2013). O trabalho de luto é importante para a manutenção da saúde mental (Gomes & Gonçalves, 2015) e reconhecido como um processo normal, no qual o seu enfrentamento depende do repertório individual de cada sujeito – como esse percebe as perdas, sua história e situações pregressas, capacidade de tolerância e necessidade de manter a autoestima (Parkes, 1998).

A compreensão dos processos psíquicos envolvidos nos rompimentos, perdas, transformações físicas e sociais que ocorrem com o envelhecimento, e como a Psicanálise, de algum modo, pode contribuir para auxiliar na elaboração desses processos de luto, são os questionamentos principais desta pesquisa. Para tanto, se buscou realizar um levantamento bibliográfico a partir da intersecção desses temas –envelhecimento, luto e psicanálise – e, dessa forma, estabelecer um panorama sobre como tal temática tem sido problematizada e compreendida pelo meio acadêmico.

Metodologia

A fim de realizar uma revisão integrativa, pesquisou-se em bases de dados como Pepsic (Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia), Google Acadêmico e Scielo (Scientific Electronic Library Online), artigos indexados cujas palavras-chave se aproximasse dos termos velhice, luto e psicanálise. Limitou-se às publicações nacionais, encontramos vinte e cinco textos que abordam temas relacionados à esta análise, dos quais três artigos, por realizarem exatamente a intersecção problematizada em nosso estudo, foram utilizados como textos-base, sendo apoiados por outras literaturas da área. Dos materiais encontrados e selecionados, se propôs um diálogo sobre como os/as autores/as caracterizam o luto na velhice, sua relação com as perdas e com a finitude e algumas

considerações clínicas. A partir desse estudo, se supôs, também ser possível levantar lacunas e possibilidades de novas perspectivas de investigação (Mendes, Silveira & Galvão, 2008).

Resultados

Idoso, velhice e sua relação com a finitude

Em uma sociedade regida pela lógica do mercado, que define as pessoas pela sua capacidade de atender às demandas do capital, os/as idosos/as, tomados como improdutivos, velhos e/ou descartáveis, se contrapõem ao ideal do novo e belo (Mucida, 2004). Assim, é habitual que uma pessoa se denomine velha pela falta de capacidade ao realizar alguma atividade física ou cotidiana; em contrapartida, quando alguém se denomina idosa, esta denominação representa a capacidade de uma vida de qualidade ainda que possuindo uma idade mais avançada. Se percebe deste modo, a centralização do termo velho como pejorativo, representando restrição e outros significados de cunho negativo. Do mesmo modo, ao designar o termo “melhor idade”, se reforça um preconceito, pois há uma tendência em negligenciar as depressões, restrições e queixas carregadas pelos indivíduos durante esse período (Altman, 2011).

Portanto, o velho já não é sua história, já não é sujeito, mas um corpo desvalorizado. A velhice aparece associada diretamente à morte, ao desgaste, ao declínio e às crescentes limitações físicas no exercício de papéis e funções sociais. Essa ideia de velhice permanece no imaginário coletivo e se faz presente no discurso dos idosos, instaurando a percepção de que a morte está próxima, sobretudo pelas constantes perdas de pessoas com quem compartilham suas vidas (Campos & Pecora, 2015; Freitas et col., 2010; Menezes & Lopes, 2014; Torres et col., 2015).

Essa associação entre envelhecimento, morte e perdas se dá por tratar-se de um período mais suscetível a rupturas nos âmbitos social, financeiro, fisiológico e simbólico, sendo a morte vivenciada simbolicamente em cada uma dessas esferas (Cocentino & Viana, 2011). Esse processo de perdas reais ou simbólicas, que sejam de certa forma pré-anunciadas ou que se iniciam antes da perda ou rompimento propriamente dito, podem ser consideradas como um luto antecipatório (Kreuz & Tinoco, 2016).

Pensar essas questões de morte e finitude requer, na teoria psicanalítica, a possibilidade de representação ou significação pelo psiquismo (Campos, 2013). O inconsciente, por sua vez, não possui representantes diretos sobre a morte. A isso se refere Freud (1914/2010), explicitando que os processos inconscientes são atemporais e que desconsideram a realidade externa, sendo assim, a morte enquanto finitude da vida é algo inapreensível pelo inconsciente, mas passível de simbolização a nível consciente.

A morte não se restringe à velhice, mas perpassa todas as fases do desenvolvimento humano, estando presente no cotidiano e aumentando gradativamente a frequência dessas perdas com o passar do tempo (Ribeiro et col., 2017). Sendo assim, os indivíduos tendem a refletir com maior facilidade sobre a morte do que sobre a velhice, visto que morrer é possível em todas as idades (Cocentino & Viana, 2011).

Já quanto à velhice, essa se faz perceber de forma mais clara aos olhos dos outros do que aos do próprio sujeito, visto que sua adaptação não se faz evidente quando ocorre sem situações impactantes. No entanto, embora seja inevitável e previsível pode, com frequência, ser percebida por alguns sujeitos com surpresa ou espanto. Desta forma, percebe-se que a dificuldade de definição deste período se dá por haver um longo processo que envolve a maneira como o idoso se reconhece diante de si mesmo e diante dos olhares externos (Beauvoir, 1976). Nessa inter-relação de olhares e visões é que se constitui cada conceito de velhice singular aos indivíduos, de tal forma que esse conceito não deve ser restringido, mas ampliado (Altman, 2011). Tais concepções também são apoiadas pelo fato de a percepção da velhice se dar de fora para dentro, de situações cotidianas que lhe remetam a esta realidade:

A percepção da velhice normalmente acontece de “fora para dentro”, ela vem de fora, por parte de outra pessoa, de um espelho ou de alguma situação presente no cotidiano. Estamos falando que a velhice não é reconhecida pela própria pessoa de imediato, ela é algo do externo, tanto que os psicanalistas falam do “susto ao espelho” como um momento de surpresa e não reconhecimento frente à própria imagem (Barbieri, 2003, p. 21).

Tendo ciência de que os idosos estão propensos a vivenciar perdas – substanciais a si mesmos ou em relação a um outro –, a elas podem se juntar fantasmas a respeito de sua própria morte e a emergência de processos de luto não elaborados, contribuindo

para o adoecimento psíquico. Esse momento, portanto, é fundamental para uma reelaboração e para a criação de novas possibilidades de vida (Altman, 2011).

Luto na Psicanálise

Se essa etapa da vida coloca os seres humanos frente a perdas diversas e impõem um trabalho de luto, pergunta-se em que consiste exatamente esse processo. Segundo Carone e Freud (1917/2016, p. 209):

O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal, etc. [...] É também digno de nota que nunca nos ocorre considerar o luto como estado patológico, nem encaminhá-lo para tratamento médico, embora ele acarrete graves desvios da conduta normal da vida. Confiamos que será superado depois de algum tempo e consideramos inadequado e até mesmo prejudicial perturbá-lo.

E também,

[...] O objeto amado já não existe mais e agora exige que toda a libido seja retirada de suas ligações com esse objeto. Contra isso se levanta uma compreensível oposição; em geral se observa que o homem não abandona de bom grado uma posição da libido, nem mesmo quando um substituto já se lhe acena. [...] Uma a uma, as lembranças e expectativas pelas quais a libido se ligava ao objeto são focalizadas e super investidas e nelas se realiza o desligamento da libido. [...] E o notável é que esse doloroso desprazer nos parece natural. Mas, de fato, uma vez concluído o trabalho do luto, o ego fica novamente livre e desinibido (Carone & Freud, 1917/2016, p. 209-210).

Conforme visto acima, não se considera o luto como um estado patológico e existe a possibilidade de se falar em um estado normal, aliado às diferentes reações apresentadas por quem o atravessa. Tais reações podem ser mal compreendidas por quem as sente, e muito mais por quem as assiste, pois há uma tendência civilizatória que impõe ao indivíduo disfarçar ou negar seus sentimentos considerados negativos. Esta tendência pode vir a provocar uma variedade de sintomas que sejam associados a essa não validação da dor (D'Assumpção, 2018).

É importante, portanto, que não se tome o luto por uma experiência patológica, pois ele está presente nas realidades cotidianas, havendo necessidade de diferenciá-lo de outros transtornos psicológicos (Franco, 2009). O processo de luto, em sua definição, deveria constar de uma experiência de perda aliada à um anseio pelo objeto perdido, somente se tornando patológico com relação ao tempo de duração e aos danos causados à vida cotidiana do indivíduo (Parkes, 2009).

Além dos lutos de caráter normal e patológico, se acrescentam os não autorizados e os complicados ou prolongados. Esses lutos prolongados ou complicados podem ser considerados aqueles em que o sujeito enlutado não desenvolve capacidade de lidar com as perdas, apresentando sintomas debilitantes ou de incapacidade funcional, podendo influenciar o surgimento de outros transtornos mentais e prejuízos à saúde física. Já os lutos não autorizados dizem respeito a situações em que o luto não é reconhecido socialmente ou não é expresso publicamente. Porém, de certa forma, todos aqueles que vivem algum tipo de perda podem não se sentir autorizados a demonstrar seus sentimentos, por não se sentirem apoiados socialmente (Fukumitsu, 2018).

Quanto ao desinvestimento libidinal realizado pelo ego durante o processo do luto, se faz necessário compreender que libido diz respeito à energia das pulsões sexuais (Laplanche & Pontalis, 2016) e que pulsões são estímulos provindos do interior do próprio organismo que atuam com força constante e inexpugnável, estando na fronteira entre o anímico e o somático (Freud, 1914/2019). Quanto ao objeto de uma pulsão, pode apresentar variabilidade e ser substituído inúmeras vezes no decurso de seu destino, sendo que a pulsão e seu objeto não estão necessariamente vinculados entre si, ainda que seja a via pela qual “a pulsão pode alcançar sua meta” (Freud, 1914/2013).

O luto pode ser compreendido como um afeto provocado pelo impacto da perda de um objeto de investimento libidinal, a partir do qual ocorre um desinvestimento de energia anteriormente dirigida ao objeto perdido – sendo o luto o afeto resultante deste processo (Cocentino & Viana, 2011).

Com respeito à dor provocada pelo desligamento do objeto libidinal e o “trabalho realizado pelo luto” (Carone & Freud, 1917/2016, p. 209), tendo por base o relato de pacientes e a literatura freudiana, expõe-se que a dor psíquica tem equivalência a dor física, podendo ser equiparada por aquele que a sente. O luto requer separação do

objeto, e essa experiência de separação atinge um caráter doloroso e intensamente dilacerante (Castilho & Bastos, 2015).

No trabalho de luto, o ego pode identificar-se com o objeto perdido de tal forma que, segundo Carone e Freud (2016), a sombra do objeto vem a encobrir o ego. O autor estabelece uma analogia entre o luto e a melancolia, mostrando que o luto pode se encaminhar para um quadro doloroso, crônico, em que há a suspensão do interesse pelo mundo externo, o que hoje se denomina como estados depressivos (Saroldi, citado por Edler, 2019).

Assim, o trabalho normal do luto é reinvestir a libido, antes direcionada ao objeto perdido, a outros objetos. Deve acontecer a elaboração e simbolização da perda, o que torna possível o desinvestimento e a ligação a um objeto substituto. A perda do objeto demanda do sujeito uma elaboração das fantasias conscientes e inconscientes, bem como um redimensionamento das energias e fantasias em busca de um novo equilíbrio (Campos, 2013). Desta forma, na elaboração bem sucedida do luto, o indivíduo desenvolve intensa atividade psíquica para desvincular sua libido de um objeto e direcioná-lo a um novo (Altman, 2011).

As perdas na velhice

Cocentino e Viana (2011) propõem pensar em diferentes categorias de perdas que podem ocorrer com o envelhecimento. Há as perdas orgânicas, relacionadas à audição, visão, vigor físico, fisionomia juvenil, memória, potência sexual, dentre outras, que podem variar de acordo com o estilo de vida, características genéticas ou história individual. Há também perdas relacionadas aos papéis sociais laborais e familiares. Quanto ao primeiro, a diminuição ou abandono de suas atividades profissionais trazem efeitos relacionados a perda do status social adquirido pelo cargo profissional, a redução de sua capacidade de criação e das relações sociais provenientes do exercício profissional, aliados, também, à diminuição de proventos. Quanto ao último, ocorrem mudanças de papéis dentro da própria família, que tendem a se reorganizar em função de novas realidades, como a da aposentadoria ou morte de pessoas de seu núcleo. Por meio dessas significativas perdas, desencadeia-se um processo de luto, o qual nem sempre é legitimado ou consciente (Cocentino & Viana, 2011).

Em suma, as perdas de caráter físico e motor – aliadas ao medo da dependência que essas mudanças podem acarretar –, perdas na qualidade das relações afetivas, perdas de pessoas significativas, entre elas a viuvez, que pode trazer à tona a solidão, são algumas das perdas vivenciadas pelas pessoas idosas (Ribeiro et col., 2017).

A elaboração dessas perdas é necessária para a criação de novas perspectivas de futuro, de forma que o sujeito possa refazer sua trajetória e se adaptar aos sentimentos presentes à realidade da velhice. Os lutos presentes no envelhecimento se opõem aos desejos infantis de dispor do objeto amado por tempo ilimitado e produz uma sensação de rompimento. Se inicia por um trabalho de aceitação, culminando com a ideia de finitude de seu ser, contrária à não-aceitação inconsciente da própria morte (Altman, 2011). Pode-se, dessa forma, falar de um luto simbólico, na medida em que cada perda vivenciada na velhice evoca, simbolicamente, a finitude e a morte, demandando, assim, um trabalho de luto (Cocentino & Viana, 2011).

Esses sujeitos, por vezes, não se permitem elaborar ou vivenciar de uma forma autêntica tais sentimentos, seguindo uma lógica que lhes recomenda a não entrar em contato com a dor. Esse contexto convoca o sujeito a um trabalho de elaboração que nem sempre ocorre, o que pode vir a resultar em consequências negativas (Altman, 2011).

Essas diversas perdas que podem se apresentar ao indivíduo idoso encontram representações na realidade cotidiana e ao nível da fantasia, sendo necessária sua ressignificação (Cocentino & Viana, 2011). Assim, o idoso é convocado a entrar no processo de luto para reabrir os caminhos do desejo, interrompidos pela perda do objeto amado (Castilho & Bastos, 2015).

Considerações clínicas

Ainda que a velhice signifique um período de inúmeras perdas de caráter social, físico, psíquico e outras esferas constituintes do indivíduo, não se pode falar em velhice como algo isolado ou como uma espera para o fim. Embora esse momento da vida possa ser sentido de modo único e singular a cada um, sendo influenciado por questões como saúde, vinculações afetivas ou acesso a bens financeiros, é a atitude frente às perdas e a natureza dessas que definem a qualidade da velhice (Viorst, 2005). Compreender a importância de se trabalhar as particularidades concernentes à velhice e

a eficácia de tratamentos realizados neste grupo etário, podem viabilizar um trabalho analítico efetivo (Altman, 2011).

Dessa forma, também a vinculação afetiva auxilia para que o aparelho psíquico continue em atividade, possibilitando a preservação de uma juventude psíquica, o que ocorre quando o ego mantém sua capacidade de investir em objetos externos, variando com o decorrer do tempo (Altman, 2011). Sobre a manutenção desses vínculos, se faz necessário acentuar que o ser humano se constitui a partir de sua relação com o outro. É a qualidade do vínculo estabelecido entre a mãe, ou alguma figura substituta dela, e o bebê, fator determinante para a estruturação do psiquismo e para a capacidade de o ego investir a libido no meio externo. Na vinculação presente nessa relação da mãe para com o filho e, posteriormente, em qualquer outro tipo de relação interpessoal, há a necessidade de um reconhecimento para a criação e validação de um sentimento de individualidade (Zimerman, 2010).

Quanto à capacidade de a libido ser investida em objetos mais duradouros na velhice, pode-se fazer uso da ideia de legado, trazida pelos cuidados paliativos, para tratar daquilo que será deixado ou passado adiante – uma mensagem, valores ou sabedoria. Reconhecendo a finitude e a necessidade de vinculações mais duradouras, o legado representa uma espécie de reflexo da vida que permanece depois da partida desses sujeitos (Luz & Bastos, 2019). Apropriar-se da memória de forma ativa e transmitir legados culturais é uma forma de reconectar-se com o passado, também vivendo o presente de forma a transformá-lo com base em codificações já experienciadas. É permitir ao idoso um novo sentimento de pertença e participação ativa das transformações sociais, sentimento muitas vezes negado a sujeitos que, por vezes, tiveram papel fundamental na construção de uma sociedade ou do processo histórico (Correa & Justo, 2010).

A essa ideia de legado se pode vincular a noção de reconhecimento, enquanto necessidade de ser valorizado pelo outro e sentir a existência enquanto individualidade, sendo que as relações interpessoais se estabelecem de maneira salutar caso haja o reconhecimento mútuo, com outras pessoas, grupos ou comunidades (Zimerman, 2010).

Por vezes o confronto iminente com a morte, seja pela percepção em si ou pela perda de um outro, coloca o sujeito de frente com questionamentos sobre o sentido da vida, o propósito da jornada, acordos estabelecidos com os demais e sobre o que o faz

feliz – isso quando não evita tais confortos erigindo defesas, como a evitação e a negação. Assim, faz-se importante visualizar a crise como uma forma de oportunidade para crescimento, para além de um mar de angústia, possibilitando, inclusive, a tomada de consciência das defesas e hábitos cristalizados (Luz & Bastos, 2019).

Conclusão

Se, por um lado, a ideia de velhice, em uma sociedade regida pela lógica do mercado, do consumo e da produtividade, é atrelada à finitude e à morte, não se pode ignorar que se trata de um período mais propício à perdas. Como vimos, tais perdas se configuram a partir das mudanças biopsicossociais envolvidas no processo de envelhecimento, as quais suscitam no sujeito que envelhece a necessidade de adaptação a uma nova realidade. As perdas não dizem respeito somente a pessoas amadas (falecimentos, distanciamentos), mas também as ocorridas em seu próprio corpo e nas relações sócio afetivas, sendo sua elaboração essencial para a criação de novas perspectivas de vida. Tal processo de adaptação pode ser compreendido enquanto um trabalho de luto, um processo de metabolização das perdas em suas diferentes esferas – social, fisiológica, cognitiva, subjetiva, entre outras.

O outro possui um papel fundamental não só para a percepção do idoso a respeito do próprio envelhecimento mas, sobretudo, como auxílio na manutenção de uma atividade psíquica capaz de vinculação a novos objetos. Portanto, a capacidade de relacionar-se e deixar um legado, vem ao encontro da necessidade do idoso, e de todos os indivíduos, de serem reconhecidos em sua subjetividade.

Foi possível perceber, também, que há a necessidade de diferenciar o luto de outros transtornos psicológicos, sendo aquele um afeto normal e produzido pelo rompimento, ou desligamento, do sujeito com seu objeto de investimento libidinal. A resignificação desses lutos possibilitam ao idoso a liberação do seu desejo, sendo que a atitude frente a estas perdas definirá a qualidade de sua velhice. O luto, portanto, coloca em evidência o confronto do idoso com a realidade do envelhecimento, sendo fundamental um olhar atento a esse período e aos indivíduos que o percorrem.

Por último, destacamos uma escassa produção científica brasileira na intersecção do tema da velhice com o luto, e ressaltamos a necessidade de novas pesquisas voltadas ao tema. Apresenta-se, também, enquanto possibilidade, a criação e realização de

grupos terapêuticos que possam auxiliar na elaboração do luto, na medida em que possibilitam a vinculação dos idosos a novas relações interpessoais e acompanhados por uma escuta qualificada. Tal acompanhamento dos processos de luto no decorrer do envelhecimento poderia auxiliar na elaboração das perdas concretas e simbólicas, indo ao encontro de algumas das necessidades desta população muitas vezes relegada ao esquecimento.

Referências

- Altman, M. (2011). O envelhecimento à luz da psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, 44(80), 193-206.
- Barbieri N. Trabalho com velhos: algumas reflexões iniciais. *Pulsional: Revista de psicanálise* 2003 set; 16(173):18-24. Beauvoir, S. (1976). *A velhice I: a realidade incômoda*. São Paulo: DIFEL.
- Brasil. (2003). *Estatuto do Idoso: lei federal no. 10.741, de 01 de outubro de 2003*. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos.
- Campos, É. B. V. (2013). Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise. *Revista de Psicologia da UNESP*, 12(1), 13-24.
- Campos, K. B., & Pecora, A. R. (2015). Envelhecer adoecendo: relatos de paciente idosos internados no hospital universitário Júlio Muller, Cuiabá, MT. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 20(2), 625-643.
- Carone, M., & Freud, S. (2016). 1985: luto e melancolia. *Jornal de Psicanálise*, 49(90), 207-224 (Originalmente publicado em 1917).
- Castilho, G., & Bastos, A. (2015). Sobre a velhice e lutos difíceis: "eu não faço falta". *Psicologia em Revista*, 21(1), 1-14.
- Cavalcanti, A. K. S., Samczuk, M. L., & Bonfim, T. E. (2013). O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. *Psicólogo Informação*, 17(17), 87-105.
- Cocentino, J. M. B., & Viana, T. C. (2011). A velhice e a morte: reflexões sobre o processo de luto. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14(3), 519-599.
- Correa, M. R., & Justo, J. S. (2010). Oficinas de Psicologia: memória e experiência narrativa com idosos. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 1(2), 249-256.
- D'Assumpção, E. A. (2018). *Sobre o viver e o morrer: manual de Tanatologia e Biotanatologia para os que partem e os que ficam*. Petrópolis: Vozes.

- Edler, S. (2019). *Luto e melancolia: à sombra do espetáculo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Franco, M. H. P. (2009). Luto como experiência vital. Em: F. S. Santos (Org.), *Cuidados paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer* (pp. 245-255). São Paulo: Editora Atheneu.
- Freitas, Maria Célia de, Queiroz, Terezinha Almeida e Sousa, Jacy Aurélia Vieira de O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. *Revista da Escola de Enfermagem da USP* [online]. 2010, v. 44, n. 2 [Acessado 30 Março 2022], pp. 407-412. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0080-62342010000200024>>. Epub 01 Jul 2010. ISSN 1980-220X. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342010000200024>.
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. Em: S. Freud, *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos 1914-1916*. São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicada em 1914).
- Freud, S. (2013). As pulsões e seus destinos (pp. 14-65; edição bilíngue). São Paulo, SP: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1915).
- Fukumitsu, K. O. (2018). *Vida, morte e luto: atualidades brasileiras*. São Paulo: Summus.
- Gomes, L. B., & Gonçalves, J. R. (2015). Processo de luto: a importância do diagnóstico diferencial na prática clínica. *Rev. de Ciências Humanas, UFSC*, 49(2). Disponível: <<https://doi.org/10.5007/2178-4582.2015v49n2p118>> Acessado: 07/2020.
- Kreuz, G., & Tinoco, V. (2016). O luto antecipatório do idoso acerca de si mesmo – revisão sistemática. *Revista Kairós Gerontologia*, 19(22), 109-133.
- Kreuz, G., & Franco, M. H. P. (2017). O luto do idoso diante das perdas da doença e do envelhecimento – revisão sistemática de literatura. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 69(2), 168-186.
- Laplanche, J. (2016). *Vocabulário da psicanálise / Laplanche e Pontalis; sob direção de Daniel Lagache; tradução Pedro Tamen. 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2016.*
- Luz, R., & Bastos, D. F. (2019). *Experiências contemporâneas sobre a morte e o morrer: o legado de Elisabeth Kübler-Ross para os nossos dias*. São Paulo: Summus.
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 17(4), 758-764.

- Menezes, T. M. O., & Lopes, R. L. M. (2014). *Significados do vivido pela pessoa idosa longeva no processo de morte/morrer e luto*. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(8):3309-3316. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014198.05462013>
- Mucida, A. (2004). *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Neri, A. L. (2001). *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas, SP: Papyrus.
- Paradella, R. (2018). *Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017*. *Agência IBGE Notícias*. Disponível: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>>. Acessado: 05/2020.
- Parkes, C. M. (1998). *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta* (M H P Franco, Trad.). 3a Ed. São Paulo: Summus.
- Parkes, C. M. (2009). *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações* (M H P Franco, Trad.). São Paulo: Summus.
- Ribeiro, Mariana dos Santos et al. Coping strategies used by the elder regarding aging and death: an integrative review. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia* [online]. 2017, v. 20, n. 06 [Acessado 30 Março 2022] , pp. 869-877. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-22562017020.170083>>. ISSN 1981-2256. <https://doi.org/10.1590/1981-22562017020.170083>.
- Torres, Tatiana de Lucena et al. *Representações sociais e crenças normativas sobre envelhecimento*. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2015, v. 20, n. 12 [Acessado 30 Março 2022] , pp. 3621-3630. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320152012.01042015>>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152012.01042015>.
- Viorst, J. (2005). *Perdas necessárias*. (A S Rodrigues, Trad.). São Paulo: Melhoramentos.
- Zimmerman, D. E. (2010). *Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento, reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas*. Porto Alegre: Artmed.

Recebido setembro de 2021

Aprovado março de 2022

Alison Maciel Cezar: Acadêmico de Psicologia pelo Centro Universitário Cidade Verde (UNIFCV) Av. Advogado Horácio Raccanello Filho, 5950 - Zona 7, Maringá - PR, 87020-035 Tel.: (44) 3028-4416
E-mail: alisonmcezar@gmail.com

Peterson de Pinho: Acadêmico de Psicologia pelo Centro Universitário Cidade Verde (UNIFCV) E-mail: contatopetersonpinho@gmail.com

Anny Elise Braga: Acadêmico de Psicologia pelo Centro Universitário Cidade Verde (UNIFCV) E-mail: annyelise_braga@hotmail.com

Camila Cortellete Pereira da Silva: E-mail: camilacortellete@hotmail.com

Maurício Cardoso da Silva Junior: E-mail: mauricio_cs@hotmail.com